

18.08.2011

ACADEMIA NACIONAL DE FARMÁCIA

Discurso de Lauro D. Moretto, na solenidade de posse da Academia Nacional de Farmácia.

Acadêmico Caio Romero Cavalcanti

Digníssimo Presidente da Academia Nacional de Farmácia, em nome do qual saúdo todos os membros da mesa, já nominados (Dr. Roger Williams – Vice Presidente Executivo da United States Pharmacopeia, Dr. Dirceu Barbano – Diretor Presidente da Anvisa, Dr. Jaldo de Souza Santos – Presidente do Conselho Federal de São Paulo, Dr. Nelson Augusto Mussolini Vice-Presidente Executivo do Sindusfarma, e Dr. Pedro Eduardo Menegasso, Diretor Financeiro do Conselho Regional de Farmácia de São Paulo).

**Prezados Acadêmicos
Senhoras e Senhores**

A Academia Nacional de Farmácia registra mais uma etapa de sua história.

Hoje, pela vontade e bondade de meus confrades, estou sendo conduzido à presidência da Academia Nacional de Farmácia.

Esta distinção, que muito me honra, também me impõe a responsabilidade de também honrar nosso passado brilhante.

Para compartilhar com aqueles que nos honram nesta solenidade, gostaria de resgatar alguns trechos da história desta entidade.

A Academia Nacional de Farmácia foi criada após um longo período de lutas de ilustres farmacêuticos, acumulando alegrias e decepções, conquistas e fracassos, na consolidação do sonho de poder contribuir para com a sociedade brasileira no campo das ciências farmacêuticas.

A profissão farmacêutica, no Brasil, à época de criação da Academia era constituída, principalmente, de boticários e farmacêuticos, muitos dos quais formados em países europeus.

Para citar alguns fragmentos da profissão em cerca de 510 anos de Brasil, valho-me de alguns extratos que fiz do livro DA BOTICA REAL AO LABORATÓRIO QUÍMICO FARMACÊUTICO DO EXÉRCITO, de autoria do Acadêmico João Paulo Vieira, aqui presente e de discursos que constam dos anais da própria Academia.

Resgatar a história das atividades dos boticários no Brasil desde as primeiras expedições colonizadoras até 1808, é uma tarefa muito difícil. Poderíamos começar lembrando de Diogo de Castro, primeiro boticário que aqui aportou, integrante da comitiva de Thomé de Souza, em 1549.

No entanto, muitos brasileiros reverenciam o Padre José de Anchieta, considerado o verdadeiro boticário ou farmacêutico do Brasil, que chegou ao Brasil em 1553. Seu carisma entre os indígenas não foi fruto apenas de seus predicados religiosos, mas em muito de seus conhecimentos de plantas medicinais e de sua dedicação, solidariedade e caridade aos doentes.

Historicamente, os primeiros atos formais e legais da profissão farmacêutica no Brasil, estão relacionados a João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís Antônio Domingos Rafael, conhecido entre nós como o Príncipe Regente Dom João e posteriormente como Rei Dom João VI.

Em 21 de maio de 1808, Dom João, já instalado no Rio de Janeiro, declarou livre os portos e as indústrias no Brasil, criou o Banco do Brasil, a Academia de Belas Artes e dentre outras, também criou a Botica Real Militar. Esta última converteu-se em outros organismos, sendo hoje o Laboratório Químico Farmacêutico do Exército, em plena atividade.

A criação da Botica Real Militar destaca a preocupação de Dom João em ter uma instituição que se ocupasse da elaboração dos medicamentos, principalmente, aos militares.

Em 1818 Dom João é coroado Rei, passando a ser designado por Dom João VI. A evolução das atividades farmacêuticas durante o período em que o Brasil foi sede do Reino, durante o período do Império até a proclamação da República, ainda merece ser reunida e compilada como legado para nossas futuras gerações.

Em decorrência dos estímulos, incentivos e modelos promovidos por D. João VI, no século XIX, os farmacêuticos criaram em 1916 a Associação Brasileira de Farmacêuticos. Em 1924, surge o Conselho Científico da Associação Brasileira de Farmacêuticos e deste, em 13 de agosto de 1937, a Academia Nacional de Farmácia.

No decorrer destes 74 anos de existência, a Academia Nacional de Farmácia pode contribuir de forma indelével para a sociedade brasileira, fruto do obstinado trabalho de seus líderes.

Nos anais da Academia constam coletâneas de trabalhos, organização e resumos de congressos, nomes de ilustres colegas, composições de diretorias, discursos sérios, sábias reflexões e alguns poemas que bem mereceriam serem lidos.

Desde os primórdios, muitos ideais foram transformados em realidade, dentre eles o da criação dos sindicatos para zelar e proteger os profissionais farmacêuticos, do Conselho Federal e dos Regionais para zelar pela ética e defender os interesses políticos da profissão. Esses órgãos redirecionaram os líderes da categoria, face às inúmeras demandas e problemas, ofuscando inclusive as atividades Academia.

Está na hora de retomarmos os ideais do Conselho Científico da Associação Brasileira de Farmacêuticos, que preconizava a criação de uma Academia para cuidar especificamente de assuntos científicos. Estes estão sendo ocasionalmente tratados por algumas entidades da categoria.

Durante os últimos anos integrei a equipe do Acadêmico Caio Romero Cavalcanti, esforçando-me para indicar nomes de cientistas para compor seu quadro associativo. Recentemente iniciamos programas de conferências de cunho científico que foram oferecidos para toda a comunidade e muito especialmente aos pesquisadores e profissionais da indústria farmacêutica.

Foi-nos possível reviver, também nestes últimos anos, os dias gloriosos da Academia. Ouvimos discursos dos novos acadêmicos, cada um deles citando pesquisas inovadoras, trabalhos originais, conquistas dignificantes, que se converteram em benefícios para a sociedade brasileira e internacional.

Estamos voltando às origens, na certeza de que o povo brasileiro encontrará nos membros da Academia Nacional de Farmácia motivo para se orgulharem do investimento que a sociedade fez nestes cientistas.

Se fizermos uma abstração, transportando-nos para o período de criação de nossa Academia, certamente iríamos constatar que nossos colegas daquela época não poderiam prever a espetacular evolução das ciências farmacêuticas. Em um pouco menos de 75 anos, essa evolução foi simplesmente espetacular.

Somente para lembrar, neste intervalo de tempo, muitas doenças foram enfrentadas, com balanço favorável em nosso favor. Algumas foram erradicadas, como o caso da varíola e da paralisia infantil; outras apenas contidas, como sarampo, febre amarela, certos tipos de infecções, cardiopatias, etc; muitas ainda nos desafiam, como os diferentes tipos de câncer, aids, hipertensão, diabetes, Alzheimer, mal de Parkinson, mal de Chagas, etc.

Sem ter a preocupação crítica com o que ocorreu no passado, ou seja até aqui, mas olhando para o futuro, é possível identificar muitos desafios que ainda temos que enfrentar em nossa profissão.

Afirmar que nossa profissão tem como finalidade apenas trabalhar, ou seja produzir, controlar, pesquisar, ensinar, atender, etc, não é tudo.

Afirmar que a contribuição de nossa profissão na evolução da qualidade de vida é grande, não é a máxima recompensa que almejamos.

Certamente também não é verdadeiro que tenhamos atingido o máximo nível de desenvolvimento que poderia ter sido alcançado.

No campo da saúde, em nível mundial, constata-se que o homem sofre física e economicamente. Sofre fisicamente porque não se dispõe de medicamentos apropriados para uma grande variedade de moléstias e

economicamente porque não existem recursos para o acesso aos medicamentos que já estão disponíveis.

Por isso, dizer que estamos plenamente satisfeitos não é uma expressão verdadeira. Ainda temos muitos desafios a enfrentar.

O estágio atual do processo evolutivo dos medicamentos, tanto do ponto de vista científico quanto do tecnológico, é simplesmente espetacular. Porém, ele pode ainda ser superior.

Os diferentes ramos das ciências físicas, químicas e biológicas estão cada vez mais interligados, atingindo sinergia próxima dos modelos idealizados na ficção. Destas interações surgiram, estão surgindo e surgirão novos medicamentos que, até algumas décadas atrás, pareciam inimagináveis.

A capacidade tecnológica inovadora ultrapassou os limites da imaginação, tanto na química fina quanto na clássica tecnologia farmacêutica, mas muito especialmente na biotecnologia e na nanotecnologia. Nestas últimas estão depositadas as nossas maiores esperanças na luta contra as enfermidades que ainda nos desafiam.

Uma análise acurada de tudo o que assistimos e de tudo o que participamos, nos permite identificar ineficiências. Esta é a parte de nossas decepções e tristezas.

Estes períodos de privações e decepções representam, para cada um de nós, motivação para revisar metas e objetivos, rever valores, replanejar atividades, para reprogramar o futuro. Significa, em outras palavras, nossos desafios em busca de uma vida melhor.

Por falar em vida melhor, entenda-se que não significa apenas o bem estar profissional, pessoal ou familiar, mas também o bem estar de toda uma coletividade que usufrui de nosso conhecimento e de nossas habilidades.

Capitular diante de tantos desafios parece ser o caminho de alguns, enquanto que outros se colocam na posição ofensiva para enfrentá-los. Mesmo que neste momento sejamos impotentes para enfrentar, de forma efetiva, as moléstias que nos desafiam, toda e qualquer forma de resignação tem que ser combatida.

Em outras palavras, o conformismo e o desalento não podem ser nosso destino.

Temos que colocar nossa inteligência orientada para o ciclo virtuoso criação-invenção-inovação e lutar por uma assistência farmacêutica extensiva a todos o que dela necessitam.

Tenho certeza que esses pensamentos dos membros da Diretoria se juntam aos dos companheiros desta Academia e a de tantos outros nossos patrícios.

Espero que no futuro distante, alguém se lembre de nossos brados por apoio às pesquisas no sentido de encontrarmos solução para problemas já conhecidos, bem como pela instituição de programas de assistência farmacêutica a todos os brasileiros que dela necessitam.

Em nome dos colegas que compõem esta diretoria, quero deixar registrado nosso compromisso de lutar por nossos ideais, contribuindo para o desenvolvimento e disseminação das ciências farmacêuticas no Brasil.

Folheando alguns anais da Academia, encontrei um discurso feito em 1947, proferido pelo Acadêmico Prof. Dr. Jorge Saldanha Bandeira de Mello, orador oficial durante a solenidade comemorativa do 10º aniversário da Academia. Neste pronunciamento, constam alguns versos dos Lusíadas que fazem referência à fragilidade humana e insegurança que muito tem a ver com os desafios dos tempos atuais. Eis os versos de Luis de Camões.

**Oh grandes e gravíssimos perigos!
Oh caminho de vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança.**

**No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme e se indigne o Ceo sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?**

**Em nome de toda a Diretoria da Academia Nacional de Farmácia, renovo os agradecimentos àqueles que nos prestigiam neste evento.
Boa noite a todos.**